



Arquivos Brasileiros de Psicologia

ISSN: 0100-8692

arquivosbrap@psicologia.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Pelisoli, Cátula; Martins Teodoro, Maycoln Leôni; Dalbosco Dell'Aglio, Débora
A percepção de família em vítimas de abuso sexual intrafamiliar: estudo de caso
Arquivos Brasileiros de Psicologia, vol. 59, núm. 2, 2007, pp. 256-269
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229017529014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

ARTIGO

**A percepção de família em vítimas de abuso sexual intrafamiliar:
estudo de caso¹.**

**Intrafamilial sexual abuse victims' perception family: a case
study**

Cátula Pelisoli^I; Maycoln Leôni Martins Teodoro^{II}; Débora Dalbosco Dell'Aglio^I

^IUniversidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

^{II}Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar as percepções sobre a família em duas meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar. As participantes eram irmãs gêmeas de 12 anos, abusadas pelo avô paterno, pai e tio, e que responderam a uma entrevista semi-estruturada e instrumentos sobre família (Family System Test (FAST), Teste de Identificação da Família (Family Identification Test (FIT)) e Familiograma). Os resultados apontaram para uma baixa coesão familiar, alta hierarquia com alto poder dos abusadores, baixa autocongruência e identificação com o agressor em ambas as meninas, assim como a escolha da mãe como modelo a ser seguido. A afetividade foi descrita em relação a cada membro da família e variou de baixa a média. Já o conflito variou de baixo a alto. A entrevista revelou indicadores de tendência ao isolamento, baixa auto-estima, atitudes agressivas, sentimentos de culpa, medo e vergonha. Ressalta-se a necessidade de estudos que possibilitem a ampliação do conhecimento da dinâmica familiar envolvida nestes casos.

Palavras-chave: Abuso sexual intrafamiliar; Família; Estudo de caso.

ABSTRACT

This study had the objective of investigating the perceptions of family of two girls victims of intrafamilial sexual abuse. The participants were two twin sisters of 12 years old, abused by their grandfather, uncle and father. They responded to a semi-structured interview and to family instruments (Family System Test (FAST), Family Identification Test (FIT) and Familiograma). The results indicate low familial cohesion, high hierarchy with explicit generational limits and low self-congruence. The two sisters showed identification with the abusers and consider the mother as a model for them. The affection was described toward each family member and varied from low to medium. The conflict varied from medium to high. The interview indicated an isolation tendency, low self-esteem, aggressive attitudes, guilt feelings, fear and shame. The need for studies that provide an amplification of knowledge about the family's dynamic involved in these cases is highlighted.

Keywords: Intrafamilial sexual abuse; Family; Case study.

INTRODUÇÃO

Na literatura sobre abuso sexual infantil (ASI), há um consenso de que a severidade dos possíveis sintomas conseqüentes é maior nos casos em que a violência foi perpetrada por membros da família ou por alguém com laços afetivos significativos (HABIGZANG; CAMINHA, 2004; KENDALL-TACKETT et al., 1993). O abuso sexual intrafamiliar tem sido investigado sob diferentes aspectos e a família vem se tornando um importante objeto de estudo para a compreensão do fenômeno e para subsidiar intervenções que ajudem a minimizar os problemas decorrentes (CECIL; MATSON, 2001; COHEN; MANNARINO, 2000; KELLOGG; MENARD, 2003). Definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como todo ato, tentativa, comentários ou insinuações sexuais não desejados, ações para comercializar ou utilizar, de qualquer outro modo, a sexualidade de uma pessoa mediante coação por outra pessoa (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1999), o abuso sexual tem atingido historicamente uma prevalência maior entre meninas do que entre meninos (KRISTENSEN et al., 1999; NURCOMBE, 2000). Além disso, o abuso tem sido perpetrado, com mais frequência, por pessoas da família da vítima ou afetivamente próximas a ela do que por pessoas estranhas ou desconhecidas (HABIGZANG et al., 2005; KRISTENSEN et al., 1999). Torna-se relevante, portanto, a investigação de aspectos que possam contribuir para a ampliação do conhecimento da dinâmica familiar envolvida nestes casos, para que se possa, no futuro, aplicar este conhecimento em prol do bem-estar das vítimas e de suas famílias.

A família é definida como uma instituição social básica, fundamental para a formação do indivíduo (ARAÚJO, 2002), um sistema de relações que inclui pessoas ligadas por parentesco e/ou que se sentem pertencentes a um determinado contexto (DE ANTONI; KOLLER, 2000). A família propicia o desenvolvimento psíquico e a aprendizagem da interação social, a partir da transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais (OSÓRIO, 1997). Para a investigação de diferentes aspectos familiares, alguns conceitos têm sido utilizados pelos estudiosos da área, tais como coesão, hierarquia, afetividade, negatividade, relações de identificação, entre outros (FALCÃO, 2006; GOLD et al., 2004; NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004; TEODORO, 2006).

Coesão e hierarquia familiar são consideradas dois fatores relevantes ou dimensões básicas para a compreensão de relações familiares. A coesão é definida como uma proximidade emocional ou apego entre os membros da família (GEHRING, 1993), e tem sido relacionada linearmente ao desenvolvimento positivo de adolescentes e famílias (GEHRING; MARTI, 1993). Por sua vez, a hierarquia associa-se a diferentes conceituações, como autoridade, dominância, poder de decisão ou a soma de influência exercida por um membro da família sobre outros. Um desenvolvimento saudável é associado linearmente à coesão, mas não se associa da mesma forma à hierarquia. Famílias com problemas psicossociais frequentemente apresentam menos coesão e mais relações hierárquicas não balanceadas (igualitárias ou muito hierárquicas) com uma alta incidência de limites geracionais não claros (GEHRING, 1993). Estes limites se referem às coalizões transgeracionais, quando a díade pai-filho/mãe-filho é mais coesa do que a díade pai-mãe, e a reversões hierárquicas, quando uma criança tem mais poder do que um pai (GEHRING; MARTI, 1993). Segundo Wood (1985), graus extremos de coesão, sejam em direção à alta ou à baixa coesão, estão associados à disfunção familiar.

A afetividade e o conflito existente dentro da família foram definidos por Teodoro (2006). A afetividade é descrita como um conjunto de sentimentos positivos existentes entre as pessoas. Por sua vez, o conflito é entendido como uma gama de sentimentos que podem ser tanto uma fonte geradora de estresse como de agressividade dentro do sistema familiar. Estas duas dimensões se correlacionam negativamente dentro das díades familiares.

As relações de identificação também são interessantes objetos para o estudo da família. A identificação é a crença de que a própria pessoa possui alguns atributos de um modelo, é uma incorporação de padrões mais amplos de pensamento e comportamento (TEODORO, 2000), primordial para a formação da identidade. A família é o principal contexto de identificações, que consistem no processo pelo qual se assimila um aspecto, atributo, característica, imagem ou traço do outro, provocando uma transformação na identidade do sujeito (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004). Na identificação, há um empenho em moldar o próprio ego de acordo com a característica do indivíduo que foi tomado como modelo (PASSOS; POLAK, 2004). No fenômeno do abuso sexual, existe a possibilidade de haver identificação da vítima com o abusador (SUGAR, 1992). Nestes casos, a vítima pode colocar-se em situações de risco no futuro ou mesmo vir a vitimizar outras pessoas – é o efeito do que os autores chamam de multigeracionalidade (CAMINHA, 2000). A multigeracionalidade ou transmissão intergeracional tem sido entendida como uma repetição de um padrão aprendido de comportamento, que é passado de geração a geração (BELSKY, 1993; CAMINHA, 2000).

Tendo em vista a importância da compreensão da dinâmica familiar nos casos de ASI intrafamiliar, este estudo teve como objetivo verificar a percepção de adolescentes vítimas quanto à coesão, hierarquia, afetividade, conflito e relações de identificação em suas famílias. Para isso, foi realizado um estudo de caso, envolvendo duas irmãs gêmeas.

MÉTODO

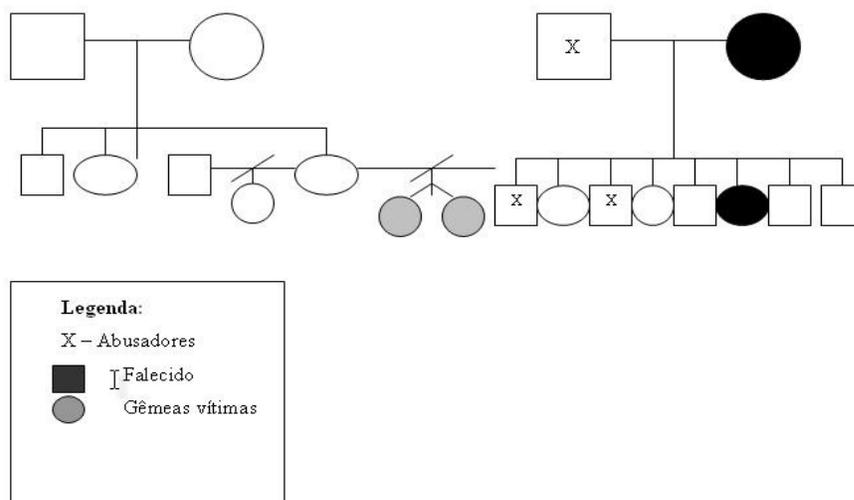
Delineamento

Foi desenvolvido um estudo transversal e de caso único. O estudo de caso baseia-se em várias fontes de dados e permite a inclusão de elementos tanto qualitativos como quantitativos, caracterizando-se por uma estratégia de pesquisa abrangente (YIN, 2005). Por tratar-se de duas vítimas da mesma família, com história de abuso semelhante, este trabalho foi considerado como estudo de caso único.

Participantes e contextualização

Participaram deste estudo duas meninas de 12 anos de idade, irmãs gêmeas bivitelinas, fisicamente bastante semelhantes, que foram abusadas sexualmente pelo avô paterno, pelo tio e pelo pai em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul (RS). As meninas estavam no início de um processo psicoterapêutico em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de um outro município do estado do Rio Grande do Sul. A revelação do abuso ocorreu um ano antes, mas só mais tarde a família buscou atendimento psicológico. Para garantir o sigilo dos dados, as meninas serão chamadas de M1 e M2. A Figura 1 apresenta o genograma da família das meninas.

Figura 1: Genograma das Gêmeas Participantes do Estudo



* Esta e as demais figuras e tabelas sem fonte foram elaboradas pelos autores deste artigo.

Os pais sempre viveram separados, mas residiam no mesmo município, no interior do estado, e o pai eventualmente contribuía financeiramente para o sustento das filhas. As meninas não freqüentavam a casa do pai, mas visitavam a casa dos avós paternos, onde residiam também outros tios e primos. A mãe trabalhava em um hospital e as meninas sempre freqüentaram escola pública. Aos nove anos, iniciaram os abusos por parte do avô paterno. Foram situações de violência que ocorriam mediante coação e ameaça de morte advindas de uma pessoa, considerada por elas, agressiva e poderosa. Por ser um militar aposentado, o avô não despertava suspeitas; pelo contrário, era bastante respeitado na cidade. Os abusos do tio e do pai iniciaram logo em seguida, mas a revelação não foi tão breve: os abusos perduraram por um ano de suas vidas.

A partir da denúncia realizada pela mãe contra os três abusadores, a família paterna, em sua totalidade, reagiu com aversão às três (mãe e irmãs). Ameaças, brigas e discussões tornaram-se freqüentes e, então, a mãe, M1 e M2 sentiram-se em risco. Uma irmã da mãe, que residia com sua família em uma cidade distante, também do interior do estado do RS, convidou as meninas para que passassem lá suas férias de verão. Assim, elas passaram dois meses na casa da tia, enquanto a mãe trabalhava e permanecia na cidade e em perigo após as denúncias. No período de retorno às aulas, a tia, vendo o risco que corriam, convidou as três para que passassem a residir em sua casa, em seu município. As

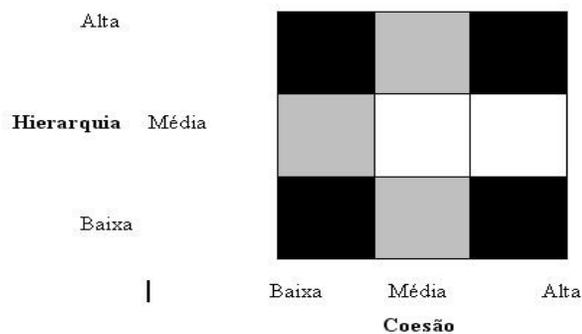
três passaram então a morar com esta tia (irmã da mãe), seu marido e seus filhos. Logo em seguida, dois dos abusadores foram presos, mas o avô permaneceu em liberdade. A mãe procurou o CAPS da nova cidade, onde foram encaminhadas para esta pesquisa e para psicoterapia.

Instrumentos

1. Entrevista semi-estruturada. Baseada no Protocolo de Entrevista com Meninos (KRISTENSEN, 1996), essa entrevista adaptada abordou aspectos referentes à identificação das participantes, contexto familiar, situações agradáveis e desagradáveis pelas quais passaram, situação de abuso e percepções das vítimas sobre o comportamento abusivo e sobre os abusadores.

2. Family System Test (FAST) (GEHRING, 1993). O FAST é uma técnica tridimensional que possibilita avaliar a percepção do indivíduo sobre a coesão e hierarquia na família e subsistemas em situações típicas, ideais e conflituosas. De forma lúdica, o instrumento utiliza um tabuleiro monocromático, peças em madeira representando figuras masculinas e femininas e blocos com três diferentes alturas. A coesão é medida pela distância entre as peças no tabuleiro; e a hierarquia, pela diferença de altura. A avaliação dos resultados foi realizada a partir da proposta qualitativa de Gehring (1993). Alguns estudos desenvolvidos no Brasil já utilizaram este instrumento e demonstraram a sua utilidade na avaliação de famílias (DE ANTONI, 2005; FALCÃO, 2006; OSWALD, 2002; FLECK; WAGNER, 2003). Na avaliação da família das gêmeas, duas configurações familiares foram observadas: (a) a família atual refere-se àquelas pessoas com quem as gêmeas convivem atualmente, incluindo a própria participante, sua irmã gêmea, a mãe, dois tios, duas tias e três primos; (b) a família abusiva, composta pelos três abusadores (pai, tio paterno e avô paterno), a mãe e as duas irmãs. Na família atual, as próprias participantes deveriam definir os membros que fazem parte da família. Já a representação da família abusiva foi proposta pela equipe de pesquisa, de forma a incluir os abusadores. A interpretação dos dados é feita mediante alguns critérios de classificação da coesão e da hierarquia da família em baixa, média e alta. A partir desta combinação, cada família é classificada em equilibrada, instável ou desequilibrada. Haverá inversão hierárquica quando for observado maior poder na geração dos filhos do que na dos pais, e coesão transgeracional quando for observada maior união entre pessoas de gerações diferentes do que entre pessoas da mesma geração. Na Figura 2, encontra-se a classificação dos tipos de estruturas relacionais, segundo Gehring (1993), utilizada para avaliação dos casos.

Figura 2: Classificação das Estruturas Relacionais



Fonte: Adaptada de Gehring (1993).

3. Teste de Identificação da Família (em inglês, Family Identification Test (FIT)) (REMSCHMIDT; MATTEJAT, 1999). Este instrumento busca identificar as relações de identificação na família a partir da classificação de cartões que descrevem atributos de personalidade (seguro de si, independente, medroso, "de lua", nervoso, satisfeito, tranquilo, animado, comunicativo, compreensivo, atencioso e simpático). Os cartões são classificados, com o auxílio de um tabuleiro, em categorias que vão de

"corresponde totalmente" a "não corresponde", de acordo com suas respostas às questões do entrevistador. Essas diferentes perspectivas permitem comparações entre a percepção real e ideal da participante sobre os diferentes membros da família e pessoas próximas, fornecendo medidas de concordância ou sobreposição entre as mesmas. A identificação real envolve o quanto a pessoa se considera semelhante a alguém e a identificação ideal se refere a quanto a pessoa gostaria de ser semelhante a alguém, observando-se as correlações entre as características descritas. O instrumento foi adaptado ao Brasil por Teodoro (2000).

4. Familiograma (TEODORO, 2006). O Familiograma avaliou a família em termos de duas dimensões: afetividade (sentimentos positivos entre as pessoas) e conflito (sentimentos que podem gerar estresse ou agressividade). Os participantes primeiramente nomeiam cada membro de sua família. Para cada díade, relacionam o quanto cada um dos adjetivos corresponde às relações percebidas dentro da família. A escala Likert contém cinco pontos, que vão de "De jeito nenhum" a "Completamente". As análises estatísticas do instrumento apresentaram adequada consistência interna e elevados índices de correlação item-total (TEODORO, 2006).

Procedimentos e considerações éticas

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas, em Porto Alegre (protocolo n. 35/06). Em seguida, o projeto foi apresentado ao CAPS da cidade e, a partir da aceitação do serviço em participar do estudo, foi assinado o Termo de Concordância da Instituição. Um contato inicial foi feito com as terapeutas das participantes do estudo, que permitiram que fosse feito um convite à mãe das meninas. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi utilizado tanto com a mãe, autorizando a participação de cada uma das meninas, quanto com as próprias adolescentes. Foram explicados os objetivos da pesquisa, os procedimentos a serem seguidos e foi assegurada a confidencialidade dos dados. Os dados foram coletados individualmente com cada participante, por meio de três encontros com cada uma, com uma duração média de uma hora. As entrevistas e aplicação dos instrumentos ocorreram nas dependências do CAPS, sendo gravadas em fitas cassete para posterior transcrição e análise. A psicóloga que realizou as entrevistas tem treinamento para este tipo de procedimento e foram tomados cuidados no sentido de assegurar o bem-estar psicológico das participantes durante a coleta de dados.

RESULTADOS

Os resultados serão apresentados de acordo com os instrumentos aplicados: resultados da entrevista, do FAST, FIT e Familiograma, referentes às duas participantes. Os dados da entrevista foram examinados por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 1977), observando-se as percepções de cada participante. Os instrumentos aplicados foram avaliados de acordo com seus manuais, tanto qualitativa como quantitativamente.

Entrevista

A entrevista semi-estruturada, além de propiciar um vínculo inicial com as meninas, possibilitou a aquisição de informações sobre o caso e sobre o dia-a-dia das mesmas, suas atividades, preferências e dificuldades. Na entrevista com M1, a menina contou sobre suas atividades preferidas – brincar, ver televisão e dormir –, afirmou que seus companheiros para as brincadeiras são seus primos e uma colega da escola e que tem conflitos com uma prima mais nova, que terminam em agressão física e castigos impostos pela mãe (como ficar em um quarto escuro ou ficar trancada no quarto). Considera-se "nem ruim, nem boa", por apresentar estes rompantes de raiva e agressão. Ficou claro que a menina apresenta uma tendência a isolar-se, atitudes agressivas freqüentes e sentimentos de raiva. A menina gosta da nova cidade e da nova escola. Está na 5ª série do ensino fundamental e tem boas expectativas de futuro, com a perspectiva de estudar medicina.

Por sua vez, M2 está na 6ª série. É a líder da turma, ajudando a professora e os colegas em diferentes tarefas. Fez amigas com facilidade na escola. Gosta de morar com os tios, apesar das brigas que ocorrem em função do hábito de beber do marido da tia. M2 diz que, diante das discussões, cala-se enquanto M1 briga e "bate para valer, dá na cara, faz bagunça". As vezes, sente ciúmes dos primos, por

terem e ganharem coisas que elas não podem ter acesso, mas nada diz ou, em suas palavras, “engole”. Considera-se “feia e chata” e tem dificuldades em matemática. Brinca muito pouco, pois seu dia é preenchido com a escola, com o auxílio nas tarefas domésticas e vendo novelas na televisão. Segundo M2, o abuso aconteceu “tantas vezes que nem sei contar”. A avó morreu sabendo dos abusos cometidos por seu marido, tendo assistido inclusive a um episódio abusivo sofrido pela irmã, M1. M2 gosta da escola e gosta de morar na nova cidade. Hoje se sente bem e não tem o medo que tinha antes. Não apresenta pesadelos, dorme bem à noite, não tem dificuldade de concentração e diz que nunca pensa nas coisas que aconteceram. Quer ser professora e quer ter marido, mas não quer ter filhos.

Comum às duas meninas, foi encontrado que as duas participantes apresentaram indicadores de sentimentos de vergonha, agressividade, isolamento, ansiedade e baixa auto-estima, que ficaram claros na entrevista semi-estruturada. Além disso, o abuso é considerado por ambas a pior coisa que lhes aconteceu na vida. As meninas acreditam que outras pessoas podem ter sido vitimizadas pelo avô antes delas, como as tias e primas. No início dos abusos, uma irmã não sabia o que acontecia com a outra e ficaram, por algum tempo, em um sofrimento solitário e quieto. Em determinado momento, uma delas encorajou-se e dirigiu-se a outra dizendo que sabia que algo estava acontecendo e que elas deveriam conversar. A partir daí, desenvolveu-se uma união sigilosa, que permitia as trocas de informações sobre as situações abusivas vivenciadas, levando a uma união que fortaleceu a vontade e a coragem para a revelação. A mãe foi a destinatária dessa revelação, que permaneceu em choque e em dúvida por um curto período de tempo. Logo em seguida, efetuou a denúncia dos três abusadores, o que desencadeou a prisão de dois deles (o pai e o tio). A Figura 1 apresenta o genetograma da família das meninas.

FAST

A Tabela 1 apresenta os resultados da aplicação do Family System Test (FAST), tanto para a família atual, como para a família abusiva. Os resultados indicaram que M1 considera que, no seu dia-a-dia, sua família possui baixa coesão e alta hierarquia, com mãe e tia tendo maior influência sobre os outros membros. Em uma situação ideal, M1 gostaria que sua família fosse mais próxima, mas que mãe e tia continuassem tendo maior poder sobre os outros membros. Em situações de conflito, M1 acredita que sua família se aproxima para tentar resolver os problemas.

Tabela 1: Resultados do Family System Test (FAST)

		<i>Família Atual</i>		<i>Estrutura*</i>	<i>Família Abusiva</i>	
Típica	M1	Coesão	Baixa	Desequilibrada	Média	Instável
		Hierarquia	Alta		Alta	
	M2	Coesão	Baixa	Desequilibrada	Baixa	Instável
		Hierarquia	Alta		Média	
Ideal	M1	Coesão	Média	Instável	Alta	Desequilibrada
		Hierarquia	Alta		Alta	
	M2	Coesão	Baixa	Desequilibrada	Baixa	Instável
		Hierarquia	Alta		Média	
Conflito	M1	Coesão	Média	Instável	Baixa	Desequilibrada
		Hierarquia	Alta		Alta	
	M2	Coesão	Baixa	Instável	Baixa	Desequilibrada
		Hierarquia	Média		Alta	

* Classificação realizada de acordo com os critérios contidos em Gehring (1993),

vide Figura 1.

Quanto à família abusiva, M1 considera que, no seu dia-a-dia, apresentava uma coesão média. A hierarquia, segundo ela, também era alta, com mãe, pai e avô tendo maior influência sobre os outros

membros. Idealmente, para M1, haveria uma alta coesão entre estes membros, denotando que a menina desejava que, apesar do que aconteceu, a família permanecesse unida e próxima e com a mãe, pai e avô exercendo maior influência sobre os outros membros (hierarquia). Nas situações de conflito, M1 relata que a família possui baixa coesão e a mesma distribuição de poder, demonstrando que a influência de uns membros sobre os outros permanece inalterada, ainda que em situações diferentes.

A representação do FAST realizada por M2 indica que, em situações rotineiras, a família atual possui baixa coesão e alta hierarquia, com mãe e tia exercendo maior influência (vide Tabela 1). Idealmente, M2 demonstra que sua família poderia continuar do jeito que é, mas gostaria que a diferença de poder entre a tia e a mãe fosse menor, com esta última aumentando o poder em relação à tia. Em situações de conflito, M2 percebe sua família como distante emocionalmente e com menor diferença de poder entre os membros.

M2 representa a família abusiva, no seu dia-a-dia, como tendo uma baixa coesão e uma média hierarquia, com avô e mãe tendo maior influência sobre os outros membros. Em situações ideais, diferentemente de M1, M2 entende que o melhor é o distanciamento das três mulheres (mãe e filhas) dos três homens representados (pai, avô e tio) e que uma hierarquia média seria o ideal. Em situações de conflito, baixa coesão e alta hierarquia caracterizam a família. Neste caso, entretanto, a mãe apresenta maior poder, representando a situação da revelação, em que ela deteve mais poder do que todos os outros membros.

Nos resultados do FAST, não foram observadas inversões hierárquicas em nenhuma das famílias e situações (típica, ideal e de conflito) representadas. Entretanto, em termos de coesão transgeracional, a mãe e as filhas são mais próximas em todas as situações do que a mãe com o pai, ou com qualquer outro membro da família da mesma geração. Os conflitos da família atual foram caracterizados como verbais, envolvendo os tios e primos e com uma frequência média. Na família abusiva, foram caracterizados como verbais e corporais, envolvendo o casal (pai e mãe) e as filhas, e com uma frequência alta.

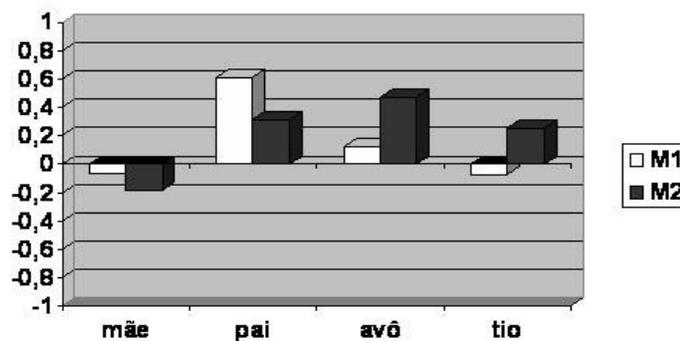
O FAST ainda possibilita a categorização dos resultados em termos de equilíbrio da estrutura familiar (equilibrada, instável e desequilibrada), conforme pode ser verificado na Tabela 1. Por meio dos resultados obtidos, pode-se observar que, tanto para M1 quanto para M2, predomina uma percepção de estrutura familiar desequilibrada ou instável.

FIT

Os resultados do Teste de Identificação da Família apresentam as percepções real e ideal das participantes, a partir de correlações de Pearson. Os dados obtidos indicam uma baixa autocongruência, comum entre as duas irmãs, significando que ambas não são aquilo que gostariam de ser.

Foi observado também que as duas meninas consideram ser muito diferentes de sua mãe (vide Figura 3).

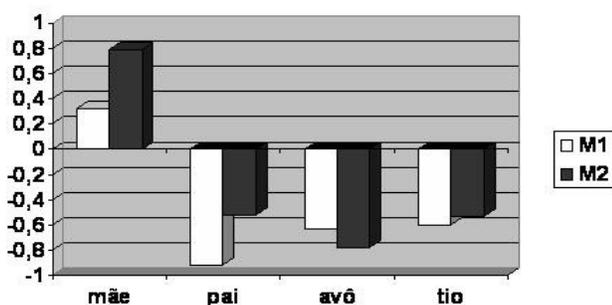
Figura 3: Identificação Real



Entretanto, ambas apresentam uma correlação maior com o pai: M1 acha-se moderadamente semelhante ao pai, enquanto M2 se acha pouco parecida com o pai, mas mais parecida com este do que com a mãe. M1 não se acha muito semelhante ao avô, apesar, novamente, de ver-se como mais semelhante a ele do que à sua mãe. Com relação ao tio, M1 apresenta uma identificação negativa e fraca. Já M2 se vê como moderadamente semelhante ao avô e, com relação ao tio, apresenta uma identificação positiva e fraca. Em suma, pode-se afirmar que as meninas não são como gostariam de ser e que se identificam mais com seus abusadores do que com sua mãe, principalmente com relação ao pai, no caso de M1, e com relação ao avô, no caso de M2.

No que diz respeito às identificações ideais (vide Figura 4), observa-se que a mãe é um modelo a ser seguido por elas. Para M2, a mãe é um modelo forte, diferentemente do pai. M1 também gostaria de ser parecida com a mãe, mas com menos intensidade do que M2. Com relação ao pai, a direção é inversa, ou seja, elas absolutamente não têm o pai como um modelo. Isto é muito forte com relação a M1, que deseja ser o oposto do que o pai é. Outros dados informam que M1 gostaria de ser um pouco parecida com M2, mas M2 gostaria de ser o oposto de M1, ou seja, M2 é um modelo (embora fraco) para M1, enquanto esta não é modelo para M2.

Figura 4: Identificação Ideal



Os ideais de mãe e pai das meninas revelaram que enquanto M1 considera que sua mãe não é aquilo que ela gostaria, M2 considera que sua mãe é muito daquilo que ela gostaria. Já com relação ao pai, ambas demonstram que o pai é o oposto do que elas gostariam que ele fosse. Esses resultados também aparecem com relação ao avô e ao tio. As meninas consideram pai, tio e avô como sendo pessoas bastante semelhantes entre si. Comparando pai e mãe, entretanto, as meninas consideraram-nos como duas pessoas bastante diferentes. As Figuras 3 e 4 apresentam as relações de identificação reais e ideais estabelecidas pelas irmãs, com relação à mãe e aos abusadores.

Familiograma

Este instrumento revelou diferentes percepções sobre a expressão da afetividade e do conflito na família. Como pode ser visto na Tabela 2, M1 percebe que tem relações de baixa afetividade com todos os integrantes da família e que, ao mesmo tempo, tem relações de conflito médias e altas com estes. M2 percebe isto de forma diferenciada: acredita que tem média afetividade com sua mãe, primos e tios, mas que com os abusadores há baixa afetividade. O conflito é descrito como alto com o primo; médio com a mãe, os tios não abusadores, irmã, entre pai e mãe; e baixo entre ela e os abusadores (pai, avô e tio). Entretanto, cabe ressaltar, neste artigo, que M2 respondeu, para os abusadores, marcando apenas no mesmo número, ou seja, na coluna que dizia que o adjetivo não correspondia àquela relação. Este comportamento foi interpretado como uma indiferença no que diz respeito à sua relação com esses personagens.

Tabela 2: Resultados Familiograma (FG)

	Díades	Mãe	Primo	Tio 1	Avô	Tio abusador	Tia	Irmã	Pai	Pai-Mãe
M2	Afetividade	M	M	M	B	B	M	M	B	M
	Conflito	M	A	M	B	B	M	M	B	M
M1	Afetividade	B	B	B	B	B	B	B	B	B
	Conflito	M	M	A	A	M	M	M	A	A

Nota: B = baixo; M = médio; A = alto.

DISCUSSÃO

M1 apresenta uma percepção de família mais extensa do que M2, incluindo primos e tios. Entende que sua família atual possui baixa coesão entre os membros e alta hierarquia. Outro aspecto a ser considerado é que a menina ainda tem como ideal a união da família, com o desejo de se aproximar novamente dos abusadores. M1 considera-se semelhante ao pai e, ao mesmo tempo, gostaria de ser o oposto dele. Tem na mãe um modelo, de forma moderada, mas considera que ela não é como gostaria que fosse. Sua irmã também é um modelo importante para ela. Entende que as relações com a família são todas de baixa afetividade e com conflitos médio e alto. Todos estes aspectos devem estar contribuindo para gerar seus sentimentos de raiva, vergonha, culpa, sua baixa auto-estima e baixa autocongruência e seu comportamento, eventualmente agressivo.

Por sua vez, M2 entende sua família como composta por ela, pela irmã e pela mãe. A família que inclui os tios e primos é vista como tendo baixa coesão e alta hierarquia. M2 considera-se mais semelhante ao avô e a mãe é para ela um modelo forte. A irmã, por sua vez, não é um modelo para ela. A menina ainda entende que sua mãe é como ela gostaria e percebe um nível de afetividade maior entre a família, com exceção dos abusadores. Estes fatores podem estar convergindo para que esta menina apresente uma sintomatologia clínica menos intensa, sem componentes agressivos e com maior integração na escola e na família.

Estes resultados apresentam duas percepções diferentes sobre a família, sobre sua proximidade, influência, relações de identificação, afeto e conflito. A atitude das meninas perante os acontecimentos violentos pelos quais passaram também se diferencia, com M1 sendo mais agressiva em suas relações, percebendo menos afeto, mais conflito e menor proximidade entre os membros de sua família, enquanto M2 se mostra mais integrada.

Fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento dessas meninas foram levantados a partir dos resultados dos instrumentos utilizados, contextualizando estes dados tanto a partir do próprio caso quanto a partir da literatura. Fatores de risco são compreendidos como obstáculos individuais ou ambientais que aumentam a vulnerabilidade da criança para resultados negativos no seu desenvolvimento (PESCE et al., 2004). No caso estudado, podem ser citados a ambivalência inicial da mãe quanto ao relato de abuso, o alcoolismo do tio, o desemprego da mãe, os conflitos familiares desencadeados pelos problemas do tio com o álcool, a baixa coesão na família atual, a alta hierarquia dos abusadores, as baixas autocongruência e auto-estima, a identificação com os agressores, a tendência ao isolamento, as atitudes agressivas e o fato de o avô permanecer em liberdade. Também pode ser destacada como fator de risco a identificação com os agressores, que, segundo Sugar (1992), é o primeiro aspecto que leva à multigeracionalidade. Ainda como fator de risco, especificamente no caso de M1, observou-se a percepção de baixa afetividade com relação a todos os membros de sua família e de conflitos em maior nível (médio e alto).

Os fatores de proteção incluem variáveis individuais, familiares e relacionadas ao apoio do meio ambiente (PESCE et al., 2004). Neste estudo de caso, foram identificados os seguintes fatores de proteção: a mudança de município e residência, o fato de as meninas gostarem de morar com tios, gostarem de ir à escola, a atitude protetiva da mãe, o fato de as meninas terem a mãe como modelo e de não terem os abusadores como modelos, a prisão do pai e do tio, as perspectivas de futuro de ambas e o apoio recebido pelos tios. Especificamente, M2 considera que as relações com a mãe, com a irmã e com os primos e tios não abusadores são afetivas, apesar de apresentarem eventualmente alguns conflitos.

Ressalta-se que estes resultados podem sugerir um padrão de funcionamento instável e desequilibrado, com baixos níveis de afetividade e altos níveis de conflito, baixa proximidade entre membros da família e alto poder de uns membros sobre outros. Outros trabalhos sobre famílias com abuso sexual apontam características de disfuncionalidade, baixa coesão e níveis elevados de conflitos (CECIL; MATSON, 2001; FASSLER et al., 2005; PFEIFFER; SALVAGNI, 2005). Entretanto, os resultados deste estudo não podem ser generalizados por tratar-se de um estudo de caso. Além disso, os dados levantados refletem um momento do processo por elas vivenciado. Pode-se supor que os fatos de estas meninas estarem em processo de psicoterapia e terem mudado de cidade possam ser fatores de proteção e atuar neste processo, levando a uma maior estabilidade e adaptação, e a uma maior percepção quanto ao afeto e apoio recebido na família atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre família e abuso sexual têm utilizado fundamentalmente concepções sociológicas e antropológicas, que dissertam sobre configurações familiares e graus de parentesco nos casos de violência, além de usar fundamentalmente prontuários e processos jurídicos como fontes para as coletas de dados (PELISOLI; DELL'AGLIO, 2007). Nesse sentido, Venturini, Bazon e Biasoli-Alves (2004) afirmam que a literatura sobre violência doméstica tem se caracterizado por uma visão parcial, tratando exclusivamente de abordar este tema sob a ótica dos adultos envolvidos e não das crianças vítimas e que ouvi-las significa considerá-las sujeitos de seu processo de desenvolvimento. Assim, reafirma-se, com este trabalho, a necessidade de usar instrumentos capazes de delinear características familiares a partir da perspectiva da vítima.

Outra carência nas pesquisas se refere às relações entre os membros da família, que passam despercebidas pelos pesquisadores e podem enriquecer as intervenções clínicas nestes casos. Como ressaltam Tardivo, Pinto Junior e Santos (2005), o abuso sexual é tanto um fenômeno configurado na família quanto um problema de relações sociais de gênero e de geração. Estes e outros autores (DAY et al., 2003; FURNISS, 1993; HABIGZANG; CAMINHA, 2004) relembram que a violência doméstica se torna um segredo difícil de ser rompido, mas que ainda inclui aspectos socioeconômicos, históricos e culturais. A família é um contexto isolado do domínio público, que proporciona a execução de um crime em que não há testemunhas e é encoberto pelo silêncio da vítima (RIBEIRO et al., 2004). É necessário compreender a complexidade do fenômeno e não negligenciar os diversos fatores envolvidos nele.

O caso investigado tratou de duas meninas que foram violentadas por homens que deveriam exercer uma função de cuidado. Elas viram suas famílias se reconfigurarem e suas vidas se modificarem. Entretanto, apesar de tantos sofrimentos, de tanta ameaça e violência, as meninas ainda assim demonstram vontade de crescer, de formar uma família no futuro, de ter uma profissão, fatores que devem ser reforçados no processo psicoterápico.

Os aspectos observados no caso destas meninas chamam a atenção para a avaliação de questões familiares, prática tão pouco difundida e efetivada no Brasil. Este estudo de caso possibilitou pensar aspectos das relações familiares que têm sido negligenciados pela literatura nacional sobre abuso sexual. Além disso, a avaliação de fatores de risco e proteção em casos de violência doméstica também se mostra importante (KOLLER; DE ANTONI, 2004). Entretanto, reafirma-se a necessidade da utilização destes meios avaliativos na clínica, fundamentando intervenções mais efetivas para essa população.

Considerando as limitações de um estudo de caso, ressalta-se a necessidade de pesquisas com amostras maiores e novos delineamentos, que possibilitem a generalização dos resultados e a expansão do conhecimento sobre este fenômeno. Pensa-se, portanto, que este estudo pode lançar sementes para que outros trabalhos, com amostras mais amplas, tratem de investigar a complexidade da dinâmica familiar e possam trazer contribuições quantitativamente mais substanciadas, permitindo uma maior generalização.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. F. Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 2, p. 3-11, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELSKY, J. Etiology of child maltreatment: a developmental-ecological analysis. **Psychological Bulletin**, v. 114, n. 3, p. 413-434, 1993.

CAMINHA, R. M. Maus tratos: o flagelo da infância. In: BEMVENUTTI, V. L. (Org.). **Cadernos de extensão II**. São Leopoldo: Unisinos, 2000. p. 37-53.

CECIL, H.; MATSON, S. C. Psychological functioning and family discord among African American adolescent females with and without a history of childhood sexual abuse. **Child Abuse & Neglect**, v. 25, p. 973-988, 2001.

COHEN, J. A.; MANNARINO, A. P. Predictors of treatment outcome in sexually abused children. **Child Abuse & Neglect**, v. 24, n. 7, p. 983-994, 2000.

DAY, V. P. et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 25, n. 1, p. 9-21, 2003.

DE ANTONI, C. **Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico**. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) – Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____; KOLLER, S. H. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia**, v. 5, n. 2, p. 347-381, 2000.

FALCÃO, D. V. S. **Doença de Alzheimer: um estudo sobre o papel das filhas cuidadoras e suas relações familiares**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Curso de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FASSLER, I. R. et al. Predicting long-term outcomes for women sexually abused in childhood: contributions of abuse severity versus family environment. **Child Abuse & Neglect**, v. 29, n. 3, p. 269-284, 2005.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 8, n. especial, p. 31-38, 2003.

FURNISS, T. **Abuso sexual da criança**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GEHRING, T. M. **Family System Test (FAST)**. Göttingen: Hogrefe & Huber Publishers, 1993.

_____; MARTI, D. The Family System Test: differences in perception of family structures between nonclinical and clinical children. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 4, n. 3, p. 363-377, 1993.

GOLD, S. N.; HYMAN, S. M.; ANDRÉS-HYMAN, R. C. Family of origin environments in two clinical samples of survivors of intra-familial, extra-familial, and both types of sexual abuse. **Child Abuse and Neglect**, v. 28, 1.199-1.212, 2004.

HABIGZANG, L. F.; CAMINHA, R. M. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes**: conceituação e intervenção clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HABIGZANG, L. F. et al. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 341-348, 2005.

Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 59, n. 2, 2007.

KELLOGG, N. D.; MENARD, S. W. Violence among family members of children and adolescents evaluated for sexual abuse. **Child Abuse & Neglect**, v. 27, n. 12, p. 1.367-1.376, 2003.

KENDALL-TACKETT, K. A.; WILLIAMS, L. M.; FINKELHOR, D. Impact of sexual abuse on children: a review and synthesis of recent empirical studies. **Psychological Bulletin**, v. 113, n. 1, p. 164-180, 1993.

KOLLER, S. H.; DE ANTONI, C. Violência intrafamiliar: uma visão ecológica. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 293-310.

KRISTENSEN, C. H. **Abuso sexual em meninos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) – Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

_____; OLIVEIRA, M. S.; FLORES, R. Z. Violência contra crianças e adolescentes na grande Porto Alegre – parte B: pode piorar? In: AMENCAR (Org.). **Violência doméstica**. Brasília: UNICEF, 1999. p. 104-117.

NEGREIROS, T. C. G. M.; FÉRES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 4, n. 1, p. 34-47, 2004.

NURCOMBE, B. Child sexual abuse I: psychopathology. **Australian and New Zealand Journal of Psychiatry**, v. 34, n. 1, p. 85-91, 2000.

OSÓRIO, L. C. A família como grupo primordial. In: ZIMMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. (Org.). **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artmed, 1997. p. 49-58.

OSWALD, S. H. **Eine Untersuchung von Beziehungsstrukturen brasilianischer Familien mit dem Familien-System-Test (FAST)**. Dissertação (Dissertação em Psicologia) – Universität Freiburg, Freiburg, 2002.

PASSOS, M. C.; POLAK, P. M. A identificação como dispositivo da constituição do sujeito na família. **Mental**, v. 2, n. 3, p. 39-50, 2004.

PELISOLI, C. L.; DELL'AGLIO, D. D. Características familiares no contexto do abuso sexual. In: HUTZ, C. (Org.). **Prevenção e intervenção em situações de risco e vulnerabilidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

PESCE, R. P. et al. Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 135-143, 2004.

PFEIFFER, L.; SALVAGNI, E. P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 197-204, 2005.

REMSCHMIDT, H.; MATTEJAT, F. **Der Familien-Identifikations-Test (FIT) Manual [The Family Identification Test. Manual]**. Göttingen, Deutschland: Hogrefe, 1999.

RIBEIRO, M. A.; FERRIANI, M. G. C.; REIS, J. N. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 2, p. 456-464, 2004.

SUGAR, M. Abuso sexual de crianças e adolescentes. In: _____ (Org.). **Adolescência atípica e sexualidade**. Porto Alegre: Artmed, 1992. p. 177-186.

TARDIVO, L. S. P. C.; PINTO JUNIOR, A. A.; SANTOS, M. R. Avaliação psicológica de crianças vítimas de violência doméstica por meio do teste das fábulas de Düss. **Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 6, n. 1, p. 59-66, 2005.

Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 59, n. 2, 2007.

TEODORO, M. L. M. **Habilidades sociais e processos de identificação em crianças e adolescentes.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

_____. Afetividade e conflito em díades familiares: avaliação com o Familiograma. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 40, n. 3, p. 386-390, 2006.

VENTURINI, F. P.; BAZON, M. R.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Família e violência na ótica de crianças e adolescentes vitimizados. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 4, n. 1, p. 20-33, 2004.

WOOD, B. Proximity and hierarchy: orthogonal dimensions of family interconnectedness. **Family Process**, v. 24, n. 4, p. 497-507, 1985.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Child maltreatment.** Disponível em:
<http://www.who.int/topics/child_abuse/en/>. Acesso em: 5 mai. 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

[Endereço para correspondência](#)

Cátula Pelisoli
E-mail: catulapelisoli@yahoo.com.br

Maycoln Leôni Martins Teodoro
E-mail: mlmteodoro@hotmail.com

Débora Dalbosco Dell'Aglio
E-mail: dalbosco@cpovo.net

Recebido em: 14/06/2007
Revisado em: 05/10/2007
Aprovado em: 22/10/2007

¹Estudo realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).